

Danielle Fonseca e sua linguagem poética-marítima

*Danielle Fonseca
and her poetic-maritime language*

KEYLA CRISTINA TIKKA SOBRAL* & ORLANDO FRANCO MANESCHY**

Artigo completo submetido a 04 de Janeiro de 2018 e aprovado a 17 janeiro 2018

*Brasil, Artista Visual, Curadora independente e pesquisadora.

AFILIAÇÃO: Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Arte, Programa de Pós-Graduação em Artes. Av. Pires Vargias S/N Campina, Belém, PA, 66017-000, Brasil. E-mail: keylatikkasobral@gmail.com

**Brasil, artista visual, curador independente e professor pesquisador.

AFILIAÇÃO: Universidade Federal do Pará, Faculdade de Artes Visuais do Instituto de Ciências da Arte. Rua Augusto Corrêa, 1 — Guamá, Belém, PA, 66075-110, Brasil. E-mail: orlandomaneschky@gmail.com

Resumo: Este artigo concentra-se na produção artística da paraense Danielle Fonseca, (Belém do Pará, Amazônia, Brasil). Fonseca desenvolve há alguns anos proposições poéticas que abordam a literatura, o surfe e a música. Buscando em diversos tipos de suportes estéticos um deixar-se atravessar por múltiplos artistas como: René Char, Maurice Béjart, Guimarães Rosa, Pierre Boulez, Gertrude Stein, Maria Bethânia, Ana Cristina Cesar, Jards Macalé, Waly Salomão e tantos outros, refletindo sobre o que a inquieta, não deixando de vista o seu olhar sempre para o rio-mar, seu lugar de pertencimento, a Amazônia.

Palavras chave: Literatura / Amazônia / Artes Visuais e surfe.

Abstract: *This article concentrates on the artistic production of Danielle Fonseca, (Belém do Pará, Amazon, Brazil). Fonseca has been developing poetic proposals for literature, surfing and music for some years. Seeking in various types of aesthetic supports let one cross through multiple artists such as: René Char, Maurice Béjart, Guimarães Rosa, Pierre Boulez, Gertrude Stein, Maria Bethânia, Ana Cristina Cesar, Jards Macalé, Waly Salomão and many others, reflecting on the which makes her uneasy, never losing sight of her gaze at the river-sea, her place of attraction, the Amazon.*

Keywords: *Literature / Amazon / Visual Arts and surfing.*

Introdução

A artista visual paraense Danielle Fonseca (Belém, Amazônia, Brasil) é uma das vozes que reverberam na cena artística do norte do País, atuando com uma densidade estética na cidade em que nasceu e na qual seu trabalho vem sendo realizado em estreita relação com ambiente em que habita, local em que desenvolveu vários de seus projetos artísticos. Seu percurso inicia em 1995, e de lá para cá, foi contemplada com significativas bolsas e prêmios; foi indicada ao Prêmio PIPA 2016; Prêmio de Produção e Difusão Artística 2016 da Fundação Cultural do Pará; participou do Projeto Amazonian Video Art no Centre for Contemporary Arts (Glasgow, Escócia, 2016); Brasil: Ficciones Espaço Tangente (Burgos, Espanha, 2016); Film and video programme SET TO GO no Contemporary Art Centre (Vilnius, Lituânia, 2015/2016) e no SINNE (Helsinki, Finlândia, 2015); *Nossos passos fazem jorrar a sede* foi projeto selecionado na II Mostra do Programa de Exposições do Centro Cultural São Paulo 2015; destacou-se, em três bolsas importantes, como a Bolsa de Pesquisa e Experimentação Artística do Instituto de Artes do Pará (IAP) (2005 e 2010) e Bolsa de Pesquisa em Artes Visuais da Fundação Ipiranga (PA, 2007), com os quais realizou os projetos: *Caminho de Marahú — Construção de um itinerário poético e real até a cabana de Max Martins*; *As ondas: um encontro de escorrego entre arte e surfe*, e *Rumo ao Farol: O destino da palavra é tornar-se água*, respectivamente.

Seu trabalho vem também circulando em exposições nacionais, como: Amazônia, Lugar da Experiência, Museu da UFPA (Belém, 2012-2013); Outra Natureza, Espaço Cultural BASA (PA, 2013 e sua itinerância Galeria FBAUL, Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa — FBAUL); Cromomuseu, Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS, 2012); O Triunfo do Contemporâneo, Santander Cultural (Porto Alegre, 2012); Corpo incógnito — água viva, Galeria Amarelonegro Arte Contemporânea (RJ, 2012); Sobre ilhas e pontes, Galeria Cândido Portinari (RJ, 2010); 12º Salão da Bahia (2005) e Faxinal das artes, Museu de Arte Contemporânea — MAC (PR, 2002); o que revela, cada vez mais, sua inserção no cenário nacional.

Dentre a obra da paraense Danielle Fonseca, destacamos, neste artigo, alguns projetos de significativa importância em seu modo de trabalho, que se entrecruza permeando diversas linguagens, como a literatura, o surfe e a música como processos criativos recorrentes. Fonseca é surfista desde a juventude, onde fez da ilha do Mosqueiro (70,8 km de Belém) o seu primeiro território de experimentações num campo líquido, o que não demorou a aparecer, ou conjugar este em um mesmo espaço plástico-artístico. A artista, dentre vários entrecruzamentos estéticos, compara Riobaldo, personagem do livro *Grande Sertão*

Veredas de João Guimarães Rosa, com o surfista, como diz o escritor André Monteiro: "Riobaldo é então aquele que carrega o rio e é nele carregado" (Monteiro, 2009: 105), assim, a artista acena para essas possibilidades relacionais. Aliás, Rosa tem sido um dos autores onde a artista se debruça, o que permite fazer esses elos, essas correspondências tão valorosas, indicando que a literatura certamente é seu primeiro ponto de partida para o seu ato criador.

Se João Guimarães Rosa tivesse conhecido algum surfista diria que são seres que executam a invenção de se permanecer em espaços de rio ou mar, de meio a meio, sempre em cima da prancha, como se dela não fossem saltar nunca mais (Fonseca, 2014:108).

Fonseca traz também uma discussão para o lugar da arte a partir de um local onde o surfe constitui um suporte para uma experimentação plástica dotada de uma poética própria na qual a performance dialoga com a literatura por meio de vídeos, objetos e fotografias, mergulhando na Amazônia, como que surfando em suas águas barrentas, se valendo do surfe, um dos ícones da contra-cultura como metáfora para parte de seu fazer artístico. Ela traz o surfe para o seu território de criação, a prática esportiva se alarga, transpondo fronteiras, e, passa a constituir um novo campo de atuação e experimentação.

A artista com isto, vem pensar o surfe na Amazônia, com uma investigação que vai desde o filósofo Gilles Deleuze e sua troca de cartas com o filósofo e também surfista Gibus de Soultrait, sobre a Teoria das dobras. "Um surfista é parte do corpo dessa onda, é a verdadeira dobra, pois habita a dobra da onda", afirma Fonseca. Ela começa a pensar o surfe enquanto prática artística, dialoga com seu entorno, com a paisagem que habita; reflete sobre o corpo-movimento do surfista enquanto pensamento filosófico, muito debatido pelo professor, filósofo e psicanalista Daniel Lins; "O surfista dançarino escorrega nas ondas, acoplado a seu objeto nômade, a prancha. O surfista escorrega nas ondas como se escorrega na vida" assinala Lins.

Ao perceber os processos de Fonseca, observamos um grau de complexidade que nos leva a Dobra deleuziana, seja nas proposições vivenciais-performativas, seja nos resultados provenientes da experiência: tudo é movimento, como veremos nas fotografias de *O Martelo Sem Mestre*, que falaremos mais adiante, em que o barroco é explicitado nas volutas das ondas, nas teclas do instrumento musical empregado.

Curva e recurva as dobras, leva-as ao infinito, dobra sobre dobra, dobra conforme dobra. O traço do barroco é a dobra que vai ao infinito. Primeiramente, ele diferencia as dobras segundo duas direções, segundo dois infinitos, como se o infinito tivesse dois andares: as redobras da matéria e as dobras na alma (Deleuze, 1991:13).



Figura 1 · Danielle Fonseca, Da Série *O Martelo Sem Mestre*, 2015. Fonte: Acervo da artista.

Figura 2 · Danielle Fonseca, Da Série *O Martelo Sem Mestre*, 2015. Fonte: Acervo da artista.

A artista reflete sobre o próprio corpo, aquele corpo flutuando sobre a prancha, aquele corpo-performador, corpo barroco, re-corpo. E pelas águas doces e salgadas que navega, Fonseca percebe um universo de possibilidades para as suas poéticas de criação e faz das águas-castanhas da Amazônia seu território imagético, nas curvas e dobras das ondas do rio-mar. É o corpo que se curva, é a água, é a imagem-movimento que se configura como um campo em dobra.

Como cita a própria artista:

...o surfista é aquele que caminha sobre as águas, só que nos extracorpos, "o corpo de um surfista adquire, através da prancha, extensão de pés que o fazem andar sobre as águas", nos revela Pierre Levy em "O que é o virtual?", e completa: "entre o ar e a água, entre a terra e o céu, entre a base e o vértice, o surfista ou aquele que se lança jamais está inteiramente presente" (Fonseca, 2014:108).

A sua micropolítica é desenvolvida em um território líquido, em um território flutuante. Ou como revela o curador Raphael Fonseca em seu Linhas Azuis, texto que analisa o trabalho da artista: "...a relação da artista com a textualidade, apontam para outras de suas obsessões: o oceano, o campo semântico das águas e o desejo humano de ser capaz de flutuar sobre as ondas" (Fonseca, 2017). Fonseca flutua-surfa em superfícies plásticas, pictóricas, aproxima-se de inúmeras linguagens, e de maneira quase alquímica, apresenta-nos sua narrativa marítima.

1. O Martelo Sem Mestre

Na série de fotos *O Martelo Sem Mestre* (2015), a artista numa livre inspiração poética, apanha um poema surrealista de René Char, *Le marteau sans maître*, apresentado em 1934, na obra musical homônima do compositor francês Pierre Boulez, de 1955, que por sua vez inspirou, também, o bailarino francês Maurice Béjart em 1973, e faz sua releitura. Fonseca arrasta uma carcaça de um piano antigo na praia do *Marahú*, na mesma na ilha do Mosqueiro em que já havia trabalhado, joga-o ao mar e surfa com ele. As teclas se desprendem durante a ação, e, tudo enfim, se perde. Em uma paisagem situada entre um rio, um pouco de mar e um tanto de floresta, os restos de um piano quebrado dão o ritmo muito próprio e particular daquele lugar com um corpo-surfista que tenta a todo custo surfá-lo sobre as águas, como se houvesse um ritmo natural entre as coisas e a paisagem.

Fonseca percebe René Char, Pierre Boulez e Maurice Béjart, como um elo poético, que ela como uma surfista-dançarina se coloca junto, a postos para a próxima dança imanente. Ela surfa com a música, como um ato visceral com seu corpo-súrfico.

O surfista é um equilibrista dançarino de uma cena líquida. Quando o surfe, à maneira da dança, devém aliança do vertical e do horizontal, da leveza e do voo, música em movimento, o corpo inteiro torna-se dançarino. Dançar para extrair das águas o alfabeto: superação da linguagem. O surfe, como a dança, é a arte do deslocamento, atalho, desvio, uma geografia da bela carne em movimento; e os surfistas fazem dessa travessia por ares perigosos um ritual público, mesmo quando não há plateia (Lins, 2008:54).

Forma-movimento, corpo em transe, dobra ao infinito. “Nem sequer é necessário lembrar que a água e seus rios, o ar e suas nuvens, a terra e suas cavernas, a luz e seus fogos são em si dobras infinitas” (Deleuze, 1991:202). E isto está presente aqui, em um jogo barroco de movimentos envolventes, em que água, corpo e piano se reinventam no quadro fotográfico, na atitude performativa da artista, com seu corpo dobrado em si mesmo, ativo no espaço (Figura 1, Figura 2 e Figura 3).

Por outro lado, para entender o processo criativo da artista Danielle Fonseca, temos que adentrar esse território plural, denso, como o das palavras. Não seria exagero afirmar que estamos tratando de uma artista-surfista-escritora, escritora-artista-surfista ou surfista-escritora-artista, se formos pesquisar um pouco mais, em meados de 1995, ela já fazia paralelos com a obra da escritora americana Gertrude Stein e seus carimbos de repetição, bem como com o trabalho da escritora brasileira Ana Cristina Cesar, que basearam alguns de seus projetos pictóricos.

A literatura é o disparador do ato criativo da artista, faz parte do seu processo metodológico particular, quer seja poesia, romance, teatro ou até mesmo letras de músicas. Fonseca imprime essa força da palavra em todos os trabalhos que faz, onde acaba tecendo uma grande teia linear entre um e outro, curva barroca, em uma complexa articulação de múltiplas linguagens.

Sua maneira de tecer seu território artístico, através dessa transversalidade entre as linguagens, da forma como cria suas narrativas, aponta para esse mesmo mar que flutua quando surfa, sem fronteiras, não há começo e nem fim. Não há margens, elas se misturam, se deixam fluir, dobram-se e redobram-se, com um corpo sempre em movimento.

2. Poseidon é Cabra, Abelha e o Movimento dos Barcos

Mais recentemente, em 2016, a artista ganha o Prêmio de Produção e Difusão Artística, da Fundação Cultural do Pará e realiza a videoarte intitulada *Poseidon é Cabra, Abelha e o Movimento dos Barcos*, que se baseia nesses cruzamentos poéticos, entre música, literatura, surfe, teatro, apneia profissional e arte visual



Figura 3 · Danielle Fonseca, Da Série *O Martelo Sem Mestre*, 2015. Fonte: Acervo da artista.

Figura 4 · Danielle Fonseca, frame da videoarte *Posseidon é Cabra, Abelha e o Movimento dos Barcos*, 2016. Fonte: Acervo da artista.

Figura 5 · Danielle Fonseca, frame da videoarte *Posseidon é Cabra, Abelha e o Movimento dos Barcos*, 2016. Fonte: Acervo da artista.

(Figura 4, Figura 5). Fonseca apresenta quatro atos/metáforas da ideia de divindade dos mares e oceanos. São apresentadas de maneira quase surreal, quase metáfora, quase sonho. Com imagens de saltos tão naturais quanto mortais ao mar; de apneia a 100 metros; de alguém que escala um resto de uma ponte de pedras (feito cabra do mar ou capricórnio); de um surfista que carrega no peito a imagem do LP Mel de Maria Bethânia...tudo isso narrado através de conversas com o compositor Péricles Cavalcanti, com a campeã mundial de apneia Karoline Meyer e com um poema lido por Jards Macalé.

Percebemos nessa videoarte a fluídica permanência do tema Água, de uma surfista que trafega nas águas barrentas da Amazônia, só que agora acompanhada de poesia. Atravessada pelo rio-mar e pela palavra. O devir-súrfico, o devir-escritor. Apresenta a todos nós, sua escrita líquida, acompanhada de seus escritores, seus músicos, seus deuses mitológicos.

No final do vídeo, traz a mergulhadora Karoline Meyer praticando apneia, “realmente seria um sonho respirar embaixo d’água, como fisiologicamente não é possível, buscamos treinar a apneia para suspender a respiração, com isso ficamos o maior tempo possível no fundo do mar, sem respirar”, relata a mergulhadora. Nessa mesma cena temos a música *Movimento dos Barcos*, de Jards Macalé, como grito rouco sobre a situação política brasileira atual, o que demonstra sua preocupação e seu posicionamento diante das coisas, sua ética que vai além da prancha, seu olhar atento e forte. Como não sucumbir diante do cansaço? “Tô cansado / E você também / Vou sair sem abrir a porta / E não voltar nunca mais”, ouvimos de Macalé.

Conclusão

A artista vem desenvolvendo proposições em que o corpo da artista-desportista é ativado pela filosofia e poesia, tal qual o “saber-do-corpo” teorizado por Suely Rolnik, em que sujeito e universo integram-se, de forma em que todos os elementos mesclam-se e somos parte de um todo, em que “O mundo ‘vive’ efetivamente em nosso corpo sob o modo de afectos e perceptos e integra sua/nossa composição, impulsionando o processo incessante de recriação de nós mesmos e de nosso entorno” (Rolnik, 2016:11).

Fonseca nos convida a mergulhar fundo também e prender a respiração. Não como uma fuga, e, sim como resistência. Aliás, o próprio exercício do surfista e também do artista. A surfista-escritora-artista acredita que há outras possibilidades, e, possibilidades através da arte. Percebemos a sutileza, a delicadeza do convite: Vamos então, ao mergulho?

Referências

- Deleuze, Gilles (1991) *A dobra: Leibniz e o barroco*. Campinas — SP: Papirus. ISBN: 85-308-0171-7
- Fonseca, Danielle (2014) *A madeira e a aquarela forjam o milagre da flutuação* In: Herkenhoff, Paulo (org.) *Pororoca — A Amazônia, no MAR*, Rio de Janeiro: MAR/Contraponto Editora. ISBN: 978-85-64022-60-7
- Fonseca, Raphael (2017) *Linhas azuis* (consult. 30-12-2017) Disponível em URL: <http://gabinetedejeronimo.blogspot.com.br/2017/02/>
- Lins, Daniel (2008) *Deleuze: o surfista da imanência* In: Lins, Daniel e Gil, José (orgs) (2008). *Nietzsche/Deleuze: jogo e música*. Rio de Janeiro: Forense Universitária. ISBN: 978-85-218-0438-3
- Maneschy, Orlando (Org.) (2013) *Amazônia, lugar da experiência*. Belém: Edufpa. ISBN: 978-85-63728-13-13
- Maneschy, Orlando (2015) *Outra Natureza*. Catálogo da exposição homônima. Curadoria João Paulo Queiroz e Orlando Maneschy. Lisboa: FBAUL.
- Monteiro, André (2009) *Da estética dos saberes: baldeações* In: Pereira, Maria Luiza Scher (org.) *A jangada e o elefante e outros ensaios*. Juiz de Fora: Editora UFJF. ISBN: 9788576720591
- Rolnik, Suely (2016) *A hora da Micropolítica*. 1ª edição / 5º volume da série Pandemia (cordéis). São Paulo: N-1, 2016. ISBN 978-85-66943-27-6